

A POESIA FEMININA NO AMAZONAS PELO VIÉS DA MODERNIDADE DE VIOLETA BRANCA

FEMALE POETRY IN THE AMAZONAS THROUGH THE VIEW OF MODERNITY BY VIOLETA BRANCA

Milena Bruno Ferreira*

RESUMO: Este artigo visa discutir a modernidade de Violeta Branca, considerada a precursora da produção poética feminina no Amazonas, através de seus versos tornou-se uma das maiores representantes da poesia local. A pesquisa terá caráter bibliográfico e os poemas foram interpretados através da sociologia da literatura e da crítica psicanalítica de acordo com as concepções de Tadié (1992). Neste estudo, partiremos dos conceitos de Compagnon (2012) sobre as funções e conceitos da literatura. Para o entendimento sobre a formação da literatura no Amazonas, buscaremos informações na obra de Márcio Souza (2010), que descreve a construção do artista amazonense e Regina Dalcastagnè (2012) sobre a literatura brasileira contemporânea. As obras *Reencontro - poemas de ontem e de hoje* (2012) e *Ritmos de inquieta alegria* (1998) de Violeta Branca formam o *corpus* de análise e interpretação. Estas obras contêm fortes traços de modernidade e um eu-lírico com anseio de liberdade. A autora contribuiu para a ampliação de publicações e reconhecimento de poetisas amazonenses.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Amazonense. Modernidade. Autoria feminina.

ABSTRACT: This article aims to discuss the modernity of Violeta Branca, considered the precursor of female poetic production in Amazonas, through her verses she became one of the greatest representatives of local poetry. The research will have a bibliographic character and the poems were interpreted through the sociology of literature and psychoanalytic criticism according to the conceptions of Tadié (1992). In this study, we will start from the concepts of Compagnon (2012) on the functions and concepts of the literature. To understand the formation of literature in Amazonas, we will seek information in the work of Márcio Souza (2010), which describes the construction of the Amazonian artist and Regina Dalcastagnè (2012) on contemporary Brazilian literature. The works *Reencontro - poems of yesterday and today* (2012) and *Rhythms of unsettled joy* (1998) by Violeta Branca form the corpus of analysis and interpretation. These works contain strong traces of modernity and a lyrical self with a

* Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – PPGLA, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Licenciada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Nilton Lins e pós-graduada em Didática do Ensino Superior pela mesma instituição. E-mail: milenabrunoferreira@gmail.com.

yearning for freedom. The author contributed to the expansion of publications and recognition of Amazonian poets.

KEYWORDS: Amazonian Literature. Modernity. Female Authorship;

INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero é uma grande barreira para as mulheres em diferentes áreas, incluindo a literatura. Falar sobre a atuação feminina na poesia é deparar-se com a exclusão da mulher dentro do ambiente acadêmico. Ainda assim, algumas vozes conseguiram ecoar, como exemplo a precursora da poesia feminina no Amazonas. Violeta Branca, que aos 14 anos já publicava seus versos em jornais locais, foi uma das responsáveis pela abertura de caminho e inspiração para outras mulheres. No entanto, mesmo com a sua forte atuação no estado, a presença feminina na literatura local é pequena em relação aos homens, daí a importância de pesquisar e debater a literatura produzida por mulheres no Amazonas.

O capítulo “O Mundo” da obra *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (2010), de Antoine Compagnon, discute a seguinte pergunta “De que fala a literatura?”, pretende-se com este artigo analisar as obras *Reencontro - poemas de ontem e de hoje* (2012)⁴³ e *Ritmos de inquieta alegria* (1998)⁴⁴ de Violeta Branca, a partir da *mimêsis* aristotélica, que é tida como a representação do mundo através da arte. Além disso, discutiremos como iniciou a literatura de autoria feminina no Amazonas e a trajetória de sua precursora. Em suma, objetiva-se analisar e discutir “vozes, que se encontram nas margens do campo literário, [...] cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 16).

⁴³ A obra foi publicada pela primeira vez em 1982, a 2ª edição foi publicada em 2012, pela Editora Valer em parceria com a Academia Amazonense de Letras e o Governo do Estado, pelo Projeto Coleção Pensamento Amazônico.

⁴⁴ A obra foi publicada pela primeira vez em 1935. Em 1998 foi reeditado pela Editora Valer e publicada uma 2ª edição.

A base teórica desta pesquisa dar-se-á por meio de nomes como Antoine Compagnon (2012), sobre conceitos da literatura e a relação dela com mundo, além de Jean-Yves Tadié (1992), autor que aborda a crítica psicanalítica como recurso para o entendimento dos desejos inconscientes dos personagens e a relação do autor com o texto e do texto com o leitor. Ademais, Regina Dalcastagnè (2012), Marcio Souza (2010) Marcos Frederico Krünger (1998) e Tenório Telles (2005) debaterão sobre a formação da literatura e do autor amazonense, além de reflexões sobre as obras que compõem o *corpus* de análise, sendo elas *Reencontro - poemas de ontem e de hoje* (2012) e *Ritmos de inquieta alegria* (1998), ambas de Violeta Branca.

Portanto, a pesquisa aqui apresentada focaliza-se principalmente no surgimento da voz feminina na literatura amazonense, a recepção das obras de Violeta Branca e a interpretação de seus poemas. A discussão da modernidade presente em seus versos torna a autora uma das únicas modernistas amazonense, segundo a crítica local. Nas palavras de Braga (2012), em seus versos, “talvez medisse, a poetisa, a distância que há entre a angústia de um gorjeio de ave escravizada e a alegria de cantar, ainda que seja sua própria dor, na amplidão infinita” (BRAGA in BRANCA, 2012, p. 17).

1 A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO AMAZONAS

O século XIX foi fundamental para a formação da identidade literária nacional, no entanto, diversas mulheres foram excluídas ou ignoradas durante esse processo. Pierre Bourdieu afirma que “entre as censuras mais eficazes e mais bem dissimuladas situam-se aquelas que consistem em excluir certos agentes de comunicação excluindo-os dos grupos que falam ou das posições de onde se fala com autoridade” (BOURDIEU, 1996, p. 133), ou seja, as mulheres eram excluídas de locais onde poderiam tornar-se autoridade e incentivar outras a seguirem pelo mesmo caminho. De acordo com Dalcastagnè (2012):

[...] todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa. Daí o estabelecimento das hierarquias, às vezes tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer [...] A não concordância com as regras implica

avançar sobre o campo alheio, o que gera tensão e conflito, quase sempre muito bem disfarçados. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 13)

A autoria literária feminina no Amazonas é um reflexo da desigualdade de gênero, em que a voz masculina ecoa mais alto e as mulheres precisam estar se impondo para quebrar padrões preestabelecidos e mantidos por muito tempo em nossa sociedade. Dessa forma, entendemos que as “vozes, que se encontram nas margens do campo literário, [...] cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 16). Diante dessas afirmações, é notório que a exclusão das mulheres na formação do campo literário amazonense deu-se por preconceito, então elas perderam espaço para outros autores (masculinos) que foram aclamados pela crítica local.

Falar sobre o artista amazonense não é uma tarefa fácil, pois eles precisam enfrentar diversas barreiras para serem notados, como a falta de incentivo, baixa valorização das obras e pouco interesse da própria região, conforme a afirmação de Souza (2010):

[...] Como se faz um artista amazonense? Eis uma pergunta difícil de responder nessa mítica afetividade provinciana. [...] No meio da estagnação que empurra para fora o artista e não reconhece nada além da sobrevivência pessoal, a resposta está na encruzilhada da consciência crítica e da marginalidade. [...] A província, como excelente modelo de repressão, elimina qualquer ambição pelo temor do desmesurado. [...] a arte nunca é trabalho, é ornamento (SOUZA, 2010, p. 29).

Inserir a autoria feminina nessa discussão torna o assunto ainda mais complexo, pois “a mulher foi excluída do mundo da escrita” (LOBO, 1999, p. 5). Portanto, é necessário refletir sobre a quantidade de obras produzidas e publicadas por mulheres. Elas existem, mas aparecem em quantidade visivelmente menor em relação aos homens.

É verdade que a autoria feminina na literatura amazonense, assim como nas demais literaturas, existiu ao longo da história. É verdade que as mulheres amazonenses fizeram literatura e fizeram poesia. Mas é verdade também que essa literatura se manifestou em menor

volume e com menor reconhecimento e divulgação, quando comparada com a produção masculina. (CUNHA, 2016, p. 21)

Cunha (2016), em sua dissertação intitulada “A poesia no Amazonas - autoria feminina: Voz e silenciamento”, analisou as obras publicadas no estado e observou que “dos 671 nomes, 579 pertencem aos homens e 92 às mulheres, havendo uma diferença quantitativa de 487 nomes entre os dois grupos autorais” (CUNHA, 2016, p. 19). Esse baixo número de publicação é reflexo da exclusão e das barreiras enfrentadas pelas mulheres, além disso, um outro problema agrava essa situação “algumas das autoras mencionadas, [...], publicaram fora do circuito amazonense” (CUNHA, 2016, p. 21), pois não encontrando espaço em sua região foram buscar oportunidades em outros estados.

1.1 O surgimento da voz feminina na literatura amazonense

O século XX foi um período importante para a história das mulheres. Nele, começaram a aparecer com mais frequência as vozes femininas na literatura, principalmente através da imprensa. Segundo Capelato (1994), “a Imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas” (CAPELATO, 1994, p. 25). Portanto, estes escritos são fundamentais para entendermos como era a visão das mulheres que, finalmente, observava a sua história tomar um outro rumo, ainda que tumultuado, em direção aos direitos.

Se por um lado o trabalho de escrever em jornais representou para algumas mulheres a oportunidade de ter essa relação estreita com o mundo das letras, de dar vazão aos seus escritos, seus pensamentos e suas lutas, por outro, possibilitou galgar um importante espaço de visibilidade social na esfera pública. (CAMPOS, 2010, p. 138).

Através da imprensa, muitas mulheres foram estimuladas a ingressarem no mundo da escrita e da literatura. Em sua maioria, eram mulheres de alta classe e apareceram pela primeira vez na imprensa amazonense, em 1884, no jornal *Abolicionista do Amazonas*. Violeta Branca, com apenas 14 anos, passou a publicar suas primeiras poesias na Revista *d “O Rionegrino*. Em seus versos já era possível

observar características que marcariam a sua escrita, como a ânsia pela liberdade, além de temas relacionados ao cenário amazônico. Observemos:

Quando me olhas com o teu olhar velado,
 Meu amado,
 Meu coração apressadamente palpita
 E eu não sei si me invade uma alegria muito grande
 Ou uma dor infinita.
 O teu olhar tem qualquer cousa de sublime,
 Qualquer cousa que me opprime.
 O teu olhar veio do inferno,
 O teu olhar para mim é um caustico eterno
 Quando me olhas com o teu olhar velado,
 Meu amado,
 Sinto que vaes toda a minha alma acorrentando,
 Torturando,
 Fazendo-a em chammas.
 E sinto-me ficar de mim mesmo esquecida,
 Longe de tudo, longe da vida,
 Para me embriagar mais com o teu olhar de inferno
 Que as vezes queima como fogo,
 E outras vezes é frio como o inverno!⁴⁵

A ousadia, o amor e a sensualidade também estavam presentes nas palavras de quem viria a ser a precursora da poesia no Amazonas. Seu espírito moderno e a busca pela libertação foram aos poucos chamando a atenção dos leitores. Em 1937, Violeta Branca foi a primeira mulher a fazer parte da Academia Amazonense de Letras (AAL), ocupando a cadeira de número 28, fato que contribuiu para a abrir caminho e convidar outras mulheres a interessarem-se e produzirem literatura no Amazonas.

2 VIOLETA BRANCA: A PRECURSORA DA POESIA FEMININA NO AMAZONAS

O Clube da Madrugada foi um importante marco para a literatura amazonense, conforme Souza “o desejo de renovação e da saída do academicismo que reinava nas letras amazonenses acontece com o surgimento do Clube da Madrugada em 1954” (SOUZA, 2010, p. 45). Astrid Cabral, grande representante da autoria feminina na literatura amazonense, foi a única mulher a participar desse movimento “além da inserção de um discurso poético e percepção feminina a obra de Astrid Cabral

⁴⁵ O teu olhar. *O Rionegrino*. Edição n. 12 setembro de 1929.

instaura, no contexto da poesia madrugada, uma dicção mais intimista, reveladora de uma sensibilidade pungente e inquieta” (TELLES, 2005, p. 15).

No entanto, anos antes, Violeta Branca havia publicado *Ritmo de inquieta alegria*, uma obra influenciada pelo Movimento Modernista da década de 1930, tornando-se a precursora da poesia feminina no Amazonas “num tempo em que a presença da mulher na literatura amazonense era marcada pela ausência, Violeta Branca ajudou a superar preconceitos e abrir caminho para inserção de uma dicção poética feminina” (MACIEL, 1998, s/p). Além disso, com esta obra, a autora apresentou versos modernos e um lirismo inédito no Amazonas.

A partir de 1930, portanto, fraquíssimos eram ainda os reflexos da Semana de Arte na literatura amazonense. Contam-se a dedo os nomes que defendiam a Escola moderna. Mas ocorre aí um fato bastante singular na vida literária de Manaus, talvez inexplicável sob o ponto de vista da coerência intelectual: em 1935, a poetisa “modernista” Violeta Branca publica no Rio de Janeiro, seu livro de poemas “Rythimos de Inquieta Alegria” e, dois anos depois, consegue eleger-se membro da Academia Amazonense de Letras. O fato assume um tom de saborosa incoerência, de vez que a poetisa, além de modernista, e como tal deslocada no meio acadêmico, fora a segunda mulher brasileira a figurar numa Academia. (Jorge Tufic, palestra proferida na noite de 21 de dezembro de 2012).

Num momento da história em que as mulheres eram destinadas a trabalhos domésticos e a educação dos filhos, Violeta ousou e mostrou a riqueza da literatura amazonense em seus poemas. Muitos deles com a presença de um marujo, onde busca a sua completude e libertação.

Tal fato reafirma que “as obras literárias resultam do diálogo do escritor com o seu tempo, mediatizado pelo falar com autores e obras emblemáticas da tradição” (TELLES in BRANCA, 1998, p. 13). É perceptível, em sua poesia, alguns traços da poesia de 30, principalmente da 2ª fase do Modernismo, em que se cultivava o aspecto formal, valorizando os versos brancos e livres.

Esses versos livres, na poesia de Violeta Branca, demonstravam sua inquietação social, a sensualidade, o pertencimento a sua terra, além de abordar lendas e mistérios. Violeta Branca é apontada por ter uma escrita “rítmica, visual, rica em ocorrências sinestésicas” (TELLES in BRANCA, 1998, p. 21).

A autora, adepta da segunda fase do modernismo brasileiro, reflete em seus poemas o estilo e a temática predominantes dessa geração. A poesia desse período ficou marcada pela presença de autores como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Vinicius de Moraes, que assim como Violeta, tinham a preferência pela liberdade formal, como também pela reflexão sobre o sentido de existir e a liberdade no uso da linguagem.

Recomeçar do zero. Este era um projeto quase universal da cultura modernista, na sua ansiedade por encerrar definitivamente a *belle époque* e sepultar, por entre os tristes escombros da guerra, fragmentos daquele projeto liberal, igualmente utópico, de uma grande comunidade internacional, autorregulada pelas mãos invisíveis da perfeição e da harmonia (SALIBA, 2012, p. 275).

Era a busca pelo distanciamento das regras clássicas e a busca por uma nova identidade poética, formando um novo modelo de literatura brasileira, “romper bruscamente com a tradição e reinventar a história foi o propósito utópico da mentalidade modernista que, com seu fascínio pelas heresias culturais, expandiu-se e universalizou-se no mundo ocidental no início do século XX” (SALIBA, 2012, p. 275), incluindo a exaltação do seu próprio país e das belezas existentes nele.

3 A MODERNIDADE DE VIOLETA BRANCA EM *RITMOS DE INQUIETA ALEGRIA* E REENCONTRO - POEMAS DE ONTEM E DE HOJE.

Violeta Branca Menescal de Vasconcelos nasceu em Manaus, no dia 15 de setembro de 1915 e faleceu no Rio de Janeiro, em 7 de outubro de 2000. A sua obra *Ritmos de Inquieta Alegria* foi publicada pela primeira vez em 1935 e recebida com louvor pela crítica literária local. Então, a escritora ocupa seu lugar como precursora da escrita feminina na literatura amazonense, segundo Braga (2012):

Germinou, então, sob este signo, um dos primeiros poemas de Violeta Branca, justamente para exaltar o índio amazonense, realizando assim, tal como doutrinavam os apóstolos do Modernismo, “uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do Homem e do mistério”. Trabalhando no verso livre dos cânones sagrados, solto no metro, no ritmo e na rima e totalmente impregnado de movimento, de linhas em desalinho, espontâneas e elásticas, trepidantes e ousadas, como estava aos novos a mecânica da vida moderna de então,

mudando todas as coisas [...], assim foi o “Poema Agreste” [...] (BRAGA in BRANCA, 2012, p. 19).

Em 1998 a Editora Valer publicou uma nova edição do livro. Na apresentação, Krünger ressalta a importância da poeta para a literatura do estado. O referido crítico comenta: “Admito Violeta como a principal, talvez a única, representante modernista no Amazonas. (KRÜNGER, 1998, p. 11). Ele também esclarece esse conceito de modernidade:

Antes de mais nada, convém esclarecer o que entendemos por manifestações da poesia modernista no Amazonas. Consideramos Modernismo, no caso, como a prática do lirismo vazado em versos livres, porque, enquanto a obra de Pereira da Silva pode ser vinculada à Escola da Anta, que compõe o quadro geral brasileiro, a de Violeta abre trilhas bastante originais. (KRUGER, 2011, p. 30).

Nessa obra é possível observar diversas imagens de liberdade retratadas por Violeta. Sua escrita modernista foi influenciada pelos movimentos que ocorriam na década de 30, a partir de então a escritora passou a ocupar seu lugar como precursora da escrita feminina na literatura amazonense.

E foi exatamente por meio de Violeta Branca que se deu a primeira manifestação feminina na Literatura amazonense. Seu mais importante livro *Ritmos de inquieta alegria-*, lido à distância de mais de setenta anos, numa época de vulgarização da sexualidade, ainda transmite conteúdo erótico, revelador de um lirismo tenso e angustiante. (KRÜGER, 2011, p. 29).

Esta obra traz um eu lírico feminino, que através de diversas metáforas a autora expõe suas ideias e críticas de forma sutil e implícita. Ainda segundo Künger (2011, p): “Em 1935, a sociedade amazonense era extremamente conservadora; por isso, o livro era para ter sido um escândalo à época de sua publicação, entretanto não foi”. Isso posto, mostra a aceitação dos escritos de Violeta, mas levanta outra questão também indicada pelo pesquisador: “Provavelmente não foi entendido em suas implicações eróticas nem no significado político corrente dessa postura: a sexualidade como forma de libertação do indivíduo” (2011, p. 45).

Nos poemas desta obra, encontramos muitos textos relacionados ao erotismo, assim como uma procura psicológica exagerada por um sentido de completude. É possível realizar uma crítica psicanalítica dos versos, pois “a análise do imaginário,

caso não queira vagar no vazio, encontra-se com a psicanálise” (TADIÉ, 1992, p. 139). Observemos os versos de “Oração ao vento”:

Vento másculo!
 Vento marinho,
 leva-me pelas tuas viagens mais longas,
 que eu tenho
 ânsia de revelação
 e volúpia de transpor todas as distâncias! (BRANCA, 1998, p. 32)

Na leitura e desses versos percebemos que o eu lírico está em busca de novos caminhos que possibilitem a sua libertação. Ele entende que sendo mulher e no lugar onde vive, com tantas limitações, não poderia suprir seus anseios. A partir dessa representação, a figura do marujo seria o intermediário para a realização de seus desejos.

Livre das restrições impostas pela sociedade e desta consciência, o eu lírico encontra no marujo amado, o canal para a realização de seus sonhos e porta de entrada para um caminho livre de restrições. Conforme Medeiros & Andreatta (2020), “sendo assim, essa necessidade de transgressão acaba por levar o eu lírico a projetar, neste erotismo, sua ânsia de ruptura com sua condição feminina.” (MEDEIROS & ANDREATTA, 2020, p. 48).

No poema “Núpcias” também se tem a representação do marujo e a busca incansável do eu lírico pela sua liberdade através dessa figura, a autora também utiliza recursos estilísticos como a comparação e o paradoxo:

Como uma flor rara e pensativa,
 deixei descansar minha cabeça
 sonolenta e quieta
 sobre tua mão esquiva
 de marujo, que tem sensibilidade de poeta.
 Ficaste mudo, mas eu compreendi
 o que tua voz cantava no silêncio...
 fui guardando na memória
 motivos idealizados pelo teu sonho
 para completar a magnífica história
 de duas vidas,
 que se confundiram na harmoniosa vitória
 de uma só! (BRANCA, 1998, p. 87)

No início século XX, era muito comum a mulher ser representada através da delicadeza e beleza como uma flor, no entanto na poesia de Violeta Branca, ela acrescenta adjetivos incomuns para a época: “rara” e “pensativa”, além disso o sujeito poético feminino revela os seus sentimentos e sensações, mudando as relações passionais entre os homens e as mulheres.

Freud afirma que através da psicanálise podemos “conhecer com que extensão de impressões e de recordações pessoais o autor construiu sua obra” (FREUD in TADIÉ, 1992, 140), portanto essa fuga feminina através da figura masculina não representa apenas o desejo do eu lírico, mas das mulheres sem voz e em busca de direitos nesta mesma época. Com isso, entende-se que “o fato de a literatura falar da literatura não impede que ela fale também do mundo” (COMPAGNON, 2010, p. 123). A temática abordada pela autora em seus versos está profundamente envolvida com o desejo da liberdade, inserindo nela a sensualidade feminina.

Sobre a estrutura dos seus poemas, Violeta Branca utiliza a liberdade estrutural, e desvia-se do que era proposto pelos formalistas. Segundo Tavares (2002, p. 100), as principais características da poesia modernistas eram a ruptura das subordinações acadêmicas, buscando romper com o espírito conservador e conformista, além da discussão sobre temas até então proibidos.

Para a Crítica Psicanalítica “os leitores realizam por meio da obra suas tendências inconscientes, projetam nela seus conflitos e sua solução” (BAUDOIN in TADIÉ, 1992, p. 149). Então, para os homens, os versos de Violeta talvez não tenham a mesma profundidade que para as mulheres, já que são elas que através de sua vivência, podem identificar-se com os versos da autora e projetar neles seus anseios e desejos. Compagnon (2010), explica que o leitor consegue projetar-se no texto literário, isso acontece a partir de suas experiências e vivências, “o leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro” (COMPAGNON, 2010, p. 142).

O poema “Inquietação”, presente em *Ritmos de inquieta alegria*, é marcado pela presença de um eu lírico inquieto, pela fuga da passividade e por toques de erotismo:

O que me rodeia,
 Já não me encanta!
 Tenho a inquietação de um pássaro entontecido
 dançando no azul
 das águas que escorrem pelas pedras dos rochedos
 na vertigem louca de se atirarem
 ao precipício misterioso...
 Tenho a inquietação de desvendar o desconhecido,
 Pelo prazer de sentir a sensação do imprevisto.
 Tudo que avisto,
 Tudo que me fala,
 já não embala
 a inquietação que arpeja nos meus nervos a
 [música estonteante
 da minha mocidade febril
 (BRANCA, 1998, p. 29)

Este eu lírico está inconformado com as diversas barreiras que encontra em seu caminho. Sente-se aprisionado, tanto que quer lançar-se em destino do que é desconhecido, “é visível, de verso para verso, o anseio que experimenta de exprimir-se totalmente, de transmitir, sob emoções diferentes, os seus estados de consciência mais sinceros” (MORAES, 2011, p. 119-120). E é essa sinceridade com seus sentimentos íntimos que marcam a maior parte da poesia da autora.

Nos versos “Tenho a inquietação de um pássaro entontecido / dançando no azul”, a imagem poética retrata o desencanto, um dos traços da modernidade. Nesse poema, não há lugar para romantismos utópicos. Seguindo o movimento da lírica contemporânea escrita por mulheres que utilizam a palavra para transformar as vivências e revelar novas experiências. Através de sua escrita, Violeta Branca dá voz a um eu feminino que fala por si. Reivindicando existir, explora as várias formas de interação, deixando que os seus desejos e sensações ditem a cadência dos versos.

No centenário de Violeta Branca, a sua obra *Reencontro – poemas de ontem e de hoje*, ganhou nova edição pela Academia Amazonense de Letras, em 2012. No prefácio da obra Max Carpentier (2012) informa que “Violeta reencontrou-se mais Violeta e nós reencontramos nossa flor. [...] cada poema aqui é uma esquina onde se encontram saudosas realidades, inesperadas confirmações do ser e da vida, retorno às provisões do eterno nunca extintas” (CARPHENTIER in BRANCA, 2012, p. 13). Após o grande sucesso de sua primeira obra, a autora demonstrou manter seu espírito de liberdade, com mais força e maturidade.

Gernesino Braga (2012), também contribui para a discussão dessa segunda obra, lembrando que “era, então, pecado ousar, e ela ousou” (BRAGA in BRANCA, 2012, p. 18). Essa curta afirmação tem muito da poesia de Violeta Branca, uma mulher que ousou revelar seus desejos e colocar em versos seus sentimentos mais íntimos e os sonhos embalados pelo sopro da liberdade, com a presença de uma escrita moderna que marcaria a história da literatura amazonense, conforme observa-se:

[...] reencontramos a poetisa na plenitude de sua essência emocional, agora mais vivida, mais humana em seus deslumbramentos e no pleno domínio de razões estéticas mais profundas e concisas. Poemas nos traz Violeta Branca, neste seu novo livro, dos quais as imagens, de tão nítidas e lúcidas, soltam animadas e espontâneas para integrar-se no ritmo da verdade viva e presente. (BRAGA in Branca, 2012, p. 24).

Reencontro – poemas de ontem e de hoje é uma obra em que encontramos uma nova voz do eu lírico, que ainda não fora apresentada ao seu público. O segundo poema desta segunda obra é intitulado *Reencontro*, que nos leva a refletir sobre a maturidade da poetisa. A voz que fala no poema é mais experiente e demonstra o que ela viveu até aquele momento. Observemos:

Na curva da lua nova
perdi os meus sapatos
Percorri tantos caminhos...
Nas cordilheiras geladas procurei a rosa branca
- Todo sonho é uma rosa nascida entre os espinhos
Fiz as milhas submersas que o mar me convidou,
seguí o rumo das águias
em busca da liberdade;
no chão áspero criei raízes de amor profundo,
de manso teci a renda feita de sol e neblina,
fui estrela refletida no limo dos igapós,
bebi o vinho das noites,
afundei nas madrugadas,
fui água de cachoeira,
Vento malsão nas marés,
cavalguei nuvens escuras,
abri às portas à chuva
tive voos de condores e rastejo de serpentes.
Conheci homens e feras unidos na mesma essência,
cantei canções as abelhas,
dei o meu rosto ao sereno,
meu gesto dei ao perdão. [...]

(BRANCA, 2012, p. 29)

Mesmo com uma voz feminina amadurecida, ainda é possível perceber as semelhanças entre os temas destes com os poemas de sua primeira obra: “é a afirmação de uma forte sensibilidade poética que não se realizou plenamente; a retomada de um diálogo interrompido após a publicação de *Ritmos de Inquieta Alegria*” (TELLES, 2012, p.10). Ao referir-se a “lua nova” podemos relacionar esse termo com sua juventude, onde teve início a sua jornada através da literatura. O eu lírico também cita a perda de seus sapatos, o que poderia representar a sua proteção juvenil e a busca pelas aventuras no mundo. Essas metáforas vão se confirmando ao longo do poema, por isso é possível inferir que há uma relação do desenvolvimento do poema com as experiências da autora.

Observando a última estrofe do poema, percebemos um tom melancólico do sofrimento já vivido pela autora, que através do eu lírico denota sua forma de ser mulher em um local que lhe acolha:

[...] Agora quero outra vez,
recompor a minha forma,
recolher os meus pedaços,
e novamente ser mulher
mas aonde encontrar minha presença
Minha fala meu suor
a ideia apregoada de todo o amor maior,
na curva da lua nova
entre os seres aflitos,
ou na amarga solidão?
(BRANCA, 2012, p. 30)

Aquela doçura de seus primeiros poemas e sua busca incessante pela liberdade já não fazem mais parte dos sonhos desse eu lírico, que com tanta bagagem acumulada ao longo dos anos transformou-se em um ser feminino com outras inquietações. Esse reencontro da autora com seu público reafirma a sua posição no cenário da literatura amazonense. Ela continua com sua liberdade formal, o uso de versos livres e a temática sobre o amor, a natureza e o sofrimento. Considerando as temáticas expostas em seus poemas, Violeta Branca marcou a história da literatura amazonense por romper o silêncio literário feminino neste estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais de cem anos se passaram desde o nascimento de Violeta Branca. Outras vozes femininas ecoaram na literatura amazonense, como Astrid Cabral, Rita Alencar e Silva e Célia Ossame, por exemplo. Mas é perceptível que as dificuldades para a publicação de uma obra no Amazonas, assim como o seu reconhecimento, continuam quase tão difíceis quanto no século XX. Apesar dos muitos recursos disponíveis, as obras publicadas por mulheres recebem um reconhecimento mais tímido, além de serem pouco divulgadas.

O fraco impacto da literatura feminina amazonense pode ser percebido nas salas de aula do estado. Quando se estuda a Literatura amazonense as obras escolhidas são majoritariamente produzidas por homens. Os jovens manauaras formam-se sem conhecer as poetisas do próprio estado, o que contribui para o ciclo vicioso da falta de reconhecimento.

As informações obtidas sobre a vida e a obra de Violeta Branca só foram possíveis pelo empenho de críticos locais e colegas escritores que mantêm vivo o legado da autora, através da sua contribuição com comentários sobre as obras, assim como pesquisas relacionadas ao tema. Uma mulher tão importante para a história da Literatura produzida no Amazonas merece ter os seus poemas reconhecidos e estudados sobre diferentes óticas.

A poesia de Violeta Branca é fortemente influenciada pelo cenário dos lugares que a cercam e o saudosismo de sua terra. Em seus poemas não encontramos apenas a retratação do amor, mas a complexidade da busca pela liberdade, além da forte presença de um eu lírico feminino com sonhos e desejos profundos. Sua influência na literatura amazonense, marcou para sempre o cenário local, além de enriquecê-lo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Graça. *Espírito moderno*. São Paulo: Cia. Graphico - Editora Monteiro Lobato, 1925.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 432 p.

BRANCA, Violeta. *Reencontro - poemas de ontem e de hoje*. 2ª. edição. Manaus, AM: Academia Amazonense de Letras; Edições Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado da Cultura, 2012.

BRANCA. *Ritmos de inquieta alegria*. Organização e estudo crítico Tenório Telles. 2ª. edição, revista e aumentada. Manaus, AM: Editora Valer, 1998. 116 p.

BRAGA, Gernesino. *Palavras no caminho do reencontro*. Prefácio. In: *Reencontro - poemas de ontem e de hoje*. 2ª. edição. Manaus, AM: Academia Amazonense de Letras; Edições Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado da Cultura, 2012.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)*. 2010. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994.

CARPENTIER, Max. *No centenário de uma flor*. Prefácio. In: *Reencontro - poemas de ontem e de hoje*. 2ª. edição. Manaus, AM: Academia Amazonense de Letras; Edições Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado da Cultura, 2012. 146 p.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CUNHA, Jolene da Silva Paula. *A poesia no Amazonas - autoria feminina: Voz e silenciamento*. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*. *Iberic@l. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*. Paris, n. 2, 2012. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/?page_id=111>. Acesso em agosto de 2021

KRÜGER, Marcos Frederico. *Apresentação: Violeta, ainda que tarde*. In: BRANCA, Violeta. *Ritmos de Inquieta Alegria*. Tenório Telles (Organização e estudo crítico). 2. ed. ver. e aum. Manaus: Valer, 1998. Série: Coleção Resgate, vol. 1. p. 9–11.

KRÜGER, Marcos Frederico. *A sensibilidade dos punhais*. Manaus: Editora Muiraquitã, 2011.

LOBO, Luiza. *A dimensão histórica do feminismo atual*. In: RAMALHO, C. (Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

MEDEIROS & ANDREATTA. *A voz erótica feminina em "Ritmos de inquieta alegria", de Violeta Branca*. *Revista Jangada*, nº 14, jul/dez, 2019.

MORAES, Péricles. *Os intérpretes da Amazônia*. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2011.

SALIBA, Elias Thomé. *Cultura*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 3ª ed. Manaus: Valer, 2010.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

TELLES, Tenório. *Fortuna crítica: Tenório Telles. Mais que uma sensibilidade feminina*. Disponível em: <<http://www.Jornal da poesia.jor.br/acabral06.html>>. Acesso em agosto de 2021.

TELLES, Tenório. *Evocações líricas e transição modernista em Violeta Branca*. In: BRANCA, Violeta: *Ritmos de Inquieta Alegria*. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

TUFIC, Jorge (2013). *Violeta Branca e sua época*. Disponível em: <http://jorge-tufic.blogspot.com.br/2013/09/violeta-branca-e-suaepoca_7.html>. Acesso em agosto de 2021.

Recebido em: 15/07/2022.

Aprovado em: 01/09/2022.